

Capital futebolístico e memória: o futebol amador na trajetória social do jogador ‘Russo’ em Ponta Grossa/PR

Football Capital and Memory: The Amateur Football on the Social Trajectory of the “Russo” Player in Ponta Grossa/PR

Edilson de Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas, UEPG
edoliveira@uepg.br

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Doutor em História, UFPR
mfreitasjr@uepg.br

RESUMO: O objetivo do estudo foi analisar como a dimensão relacional existente entre o campo futebolístico amador ponta-grossense e a sociedade, possibilitaram a conversão do capital futebolístico do jogador conhecido como Russo, em outros tipos de capitais. Para efetivar tal ação, recorreu-se a história oral, que busca aprofundar os conhecimentos sobre acontecimentos e conjunturas do passado através das experiências e versões particulares. No decorrer de sua trajetória Russo vivenciou o futebol em diferentes interfases, entretanto foi no campo futebolístico amador que ele acumulou o capital simbólico necessário para ocupar uma posição de destaque, a de veterano. Em longo prazo, o futebol contribuiu para que ele convertesse esse capital futebolístico em capitais de outros campos sociais. A obtenção deste capital específico, proporcionou homenagens como a que abre o estudo, denominada honra ao mérito futebolístico amador, que pode ser visto como um indicador de reconhecimento da trajetória vitoriosa deste atleta neste campo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol amador; história oral; campo; herança cultural.

ABSTRACT: The objective of the study was to analyse how the relational dimension between the amateur football field in Ponta Grossa and society made it possible to convert the football capital of the player known as Russo into other types of capital. To carry out such an action, resorting to an oral history, which seeks to deepen knowledge about events and conjunctures of the past through experiences and particular versions. During his Russian trajectory, he experienced football in different stages, however it was the amateur football that he accumulated the symbolic capital necessary to occupy a prominent position, that of a veteran. In the long term, football so that it converts this capital into other social fields. The recognition of this specific capital, the recognition of recognition as what football opens amateur, the recognition of merit to be seen as an athlete indicator of recognition in this field.

KEYWORDS: Amateur Football; Oral History; Field; Cultural Heritage.

INTRODUÇÃO

Ao propor compreender o significado sociocultural do futebol no Brasil, Daólio¹ identificou o desejo de ascensão social como fator preponderante dos futebolistas, os quais buscam a realização do sonho de se tornar jogador de futebol profissional. Segundo Damo,² tornar-se um futebolista profissional fascinava os meninos brasileiros, principalmente os oriundos de escolas públicas. Não obstante, Damo³ e Cavalcanti⁴ destacam em seus estudos que esta ascensão, através da prática futebolística, vem tornando-se cada vez mais complexa, difícil e (talvez) ilusória, devido a grande maioria dos jogadores profissionais encontrarem-se “à margem dos holofotes”.

Ao observar os dados publicados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sobre um “Raio-X do mercado 2019”, naquele ano, 22.177 jogadores possuíam contratos profissionais com clubes brasileiros.⁵ Ao cruzar estes dados com os números obtidos pelo IBGE,⁶ pode-se inferir que este número representa 0,2% dos praticantes de futebol no Brasil. Isto significa que embora o “sonho” de tornar-se jogador profissional apresente-se ao longo da trajetória dos praticantes de futebol, este não é o único fator que nos permite entender a dimensão deste esporte, pois em algum momento se tornar profissional deixa de ser uma opção (se é que um dia foi). Porém, a prática do esporte persiste na vida das pessoas.

Isto é, as práticas futebolísticas proporcionam ganhos que transcendem o campo de jogo, pois o atleta pode obter, além dos ganhos materiais, os ganhos simbólicos, que podem ser compreendidos como “capital futebolístico”.⁷ Este capital é adquirido através de um conjunto de práticas corporais, sociais e linguísticas herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, capazes de legitimar um agente em uma posição social de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido. Diante disto, busca-se demonstrar neste estudo que devido a dimensão relacional existente entre o campo futebolístico e a sociedade, este capital específico pode ser convertido em outros tipos de capitais.

¹ DAOLIO. Cultura: educação física e futebol.

² DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*.

³ DAMO. *Do dom à profissão*.

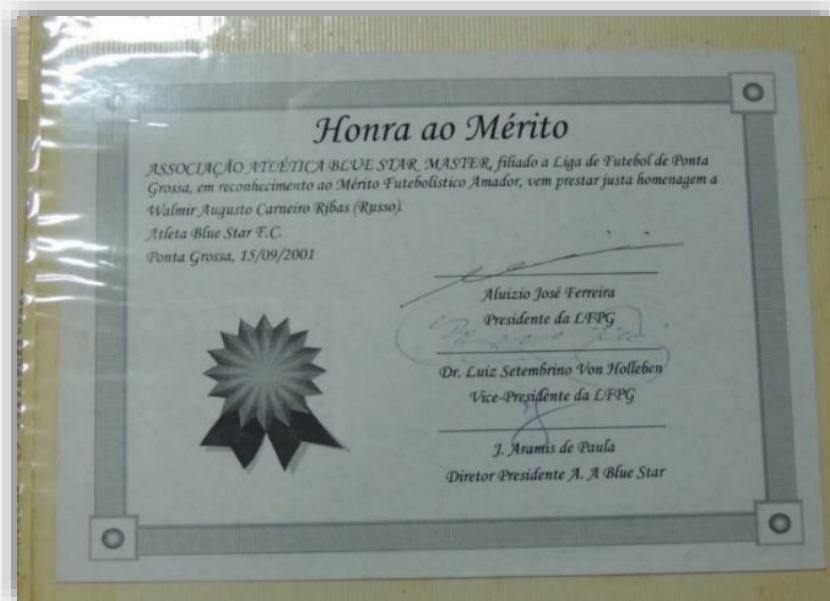
⁴ CAVALCANTI. *“Nem tudo que reluz é ouro”: histórias de jogadores de futebol*.

⁵ CBF. Raio-X do mercado 2019: números gerais de registro.

⁶ IBGE. Práticas de esporte e atividade física: 2015.

⁷ RIAL. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.

Para atingir este objetivo, vamos analisar a homenagem conferida a “Russo”, apelido através do qual este atleta se tornou conhecido e reconhecido no Campo⁸ Futebolístico Amador de Futebol da cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do estado do Paraná. O reconhecimento de um agente através de um certificado impresso, é uma prática comum no campo acadêmico que concede simbolicamente ao benemérito capital cultural institucionalizado.⁹ Porém, tal prática é algo bastante singular para o campo futebolístico. Tradicionalmente no futebol este *status* é adquirido e observado cotidianamente de forma simbólica, através de circuitos de consagração e nomeação que ordenam as posições sociais no campo, principalmente através da “economia linguística”¹⁰ fomentada pelos agentes.¹¹



Fotografia 1 - Nesta imagem pode-se observar o registro impresso da homenagem realizada ao futebolista Russo, em 15 de setembro de 2001, pela Associação Atlética Blue Star Master, a qual possui um lugar especial em seu acervo pessoal e em suas memórias individuais. Fonte: Acervo pessoal de Russo.

⁸ BOURDIEU. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*.

⁹ BOURDIEU. *Meditações pascalianas*.

¹⁰ Nesta perspectiva linguística, Bourdieu destaca a importância da nomeação (título, cargo, honraria) como um dos elementos que contribuem para a estruturação das posições ocupadas socialmente. As calúnias, acusações, críticas e elogios, por exemplo, são as moedas cotidianas destas nomeações, que atribuem aos agentes “beneméritos” um poder simbólico dentro do campo. O qual é invisível dentro das trocas simbólicas, mas legítimo e reconhecido pelos demais agentes da estrutura. BOURDIEU. *O poder simbólico*. BOURDIEU. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quem dizer*.

¹¹ OLIVEIRA. *Redescobindo o sentido do jogo*.

Neste contexto, a singularidade da forma com que Russo foi homenageado e a posição de destaque ocupada por ele neste espaço social, instigam-nos a estabelecer um olhar mais minucioso sobre sua entrada e trajetória no campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Segundo Bourdieu,¹² a trajetória de um agente nos ajuda a compreender o processo de acúmulo de capitais (econômico, cultural, social e simbólico) e principalmente a diferentes posições ou postos ocupados ao longo da circulação neste espaço social, nos permitindo entender o sentido daquele jogo social.

Diante deste contexto, levanta-se a seguinte questão norteadora: Como os ganhos futebolísticos, vistos no *senso comum* como financeiros, transcendem o capital econômico e as linhas geográficas do campo, convertendo-se em capitais em outros campos sociais. Ao apresentar este problema e objetivo de pesquisa, convidamos o leitor, tal como fez Bourdieu¹³ em sua obra “Razões Práticas”, a ultrapassar a leitura particularista de que esta pesquisa abordará apenas uma realidade.

Quando ancoramos nossa leitura sobre a trajetória de um futebolista e seus ganhos com a prática do futebol, ao modelo teórico de Pierre Bourdieu, não estamos refletindo somente como isso ocorre em uma cidade do interior do Brasil ou com um jogador específico, mas sim submergindo na particularidade de uma realidade empírica que pode se fazer presente em outros locais em que a cultura futebolística esteja presente. Considerando que o futebol é o esporte mais praticado no Brasil, com 39,3% e que a prática futebolística corresponde a 59,2% das práticas esportivas masculinas,¹⁴ o caso de “Russo” pode ajudar a compreender a realidade de outros futebolistas em outras localidades do país.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A história oral tem como principal alicerce a narrativa e busca apresentar versões de experiências de vida através da entrevista oral. Para Alberti este é um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica “que privilegia a realização de

¹² BOURDIEU. *Razões práticas*.

¹³ BOURDIEU. *Razões práticas*.

¹⁴ IBGE. Práticas de esporte e atividade física: 2015.

entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”.¹⁵ Trata-se de um método qualitativo de pesquisa, que busca “ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares”.¹⁶

Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se como referência o trabalho desenvolvido pelo Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), descrito nas obras de Alberti.¹⁷ Segundo este referencial, a realização de uma entrevista oral é composta pelas seguintes etapas:

a) A escolha do entrevistado: Esta escolha tem como base o objetivo da pesquisa. Alberti¹⁸ salienta que o pesquisador não deve ter uma preocupação excessiva com a amostragem, mas sim com a “posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Deste modo, devido ao objetivo do estudo e a posição do agente no campo, que será objeto de análise, optou-se por realizar uma única entrevista, com Russo.

b) A escolha do tipo de entrevista: Na presente pesquisa trabalhou-se com a história de vida, a qual “têm como centro de interesse é o próprio indivíduo na história”.¹⁹

c) O equipamento: estes foram os elementos que mais modificaram-se com o passar do tempo. Para as gravações das entrevistas utilizou-se uma câmera digital (Nikon COOLPIX P510), posteriormente armazenada em nuvem via Google Drive, juntamente com a transcrição fiel da entrevista em formato Word Windows 2016.

d) A entrevista: Alberti²⁰ alerta que para a realização de uma entrevista oral é necessário inicialmente que os pesquisadores se aprofundem na temática de estudo, possuindo conhecimento suficiente para construir um roteiro geral de

¹⁵ ALBERTI. *Manual de história oral*, p. 18.

¹⁶ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*, p. 3.

¹⁷ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*. ALBERTI. *Manual de história oral*.

¹⁸ ALBERTI. *Manual de história oral*.

¹⁹ ALBERTI. *Manual de história oral*, p. 38.

²⁰ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*.

entrevista consistente. Neste viés, a realização de pesquisas anteriores foi fundamental para a condução da entrevista em formato de conversa.

A este respeito, cabe destacar que a entrevista foi marcada na casa de Russo, a seu pedido, o qual esperava-me com o fogo aceso, para a realização de um churrasco após a entrevista. Além da proximidade, os elementos teóricos construídos anteriormente para compreensão do campo futebolístico amador pontagrossense serão fundamentais para reflexão da posição e trajetória deste agente neste espaço social, como a compreensão do que significa ser um veterano, a importância da família ou o processo de aprendizagem da cultura futebolística.

e) O processamento da entrevista: A última etapa consistiu na transcrição e arquivamento dos dados. Neste processo, ressalta-se a importância de ficar atento aos sinais como: ênfases feitas pelo entrevistado, os silêncios, os risos, as emoções através de lágrimas ou não, os trechos lidos e enunciados incompletos, quando o entrevistado ameaça falar algo ou é interrompido. Por fim, na utilização dos dados retirou-se os vícios de linguagem como “né, sabe, entende e etc.”, para auxiliar a compreensão do discurso.²¹

Quanto aos aspectos éticos, com exceção a Russo, optou-se por trabalhar com nomes fictícios para os agentes e clubes citados no desenvolvimento do estudo. Ressalta-se que ele assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, através da Plataforma Brasil, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Thompson²² ressalta que a construção e a narração do passado, através de memórias individuais e coletivas, exigem engenho e poder imaginativo, pois se trata de um processo social ativo em que as narrativas “em geral são também utilizadas para contar vidas individuais, visando transmitir valores; e o que elas transmitem é a verdade simbólica e não os fatos do incidente descrito, que é o que menos importa”.

²¹ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*.

²² THOMPSON. *A voz do passado: história oral*, p. 185.

Segundo o autor o processo da memória depende, para além da capacidade de compreensão do indivíduo, do seu interesse, que se evidencia nas inclusões de detalhes ou nas supressões durante a realização da narrativa. No caso de uma comunidade ameaçada, por exemplo, a memória serve para evidenciar um sentimento de identidade coletiva, de modo que os acontecimentos divisórios ou conflitantes caminhem em direção ao esquecimento. Portanto, o modo como se aprende uma narrativa deve ser mais rigorosamente estudado, pois estes mecanismos variam de acordo com os grupos e suas localidades.²³

Na mesma direção, Candau²⁴ ressalta que para conservar a lembrança, é necessário memorizar um mundo previamente ordenado. Portanto, deve-se compreender a lembrança como uma imagem distinta a do acontecimento, mas que age como uma imagem sobre o ocorrido.

Um acontecimento chave, que nos permite compreender a incorporação do futebol aos gostos e ao estilo de vida do Russo, foram os seus primeiros contatos com a prática futebolística na infância. Experiência narrada repetidas vezes ao longo da entrevista e que de tão significativa, foi reproduzida por ele no processo de transmissão deste gosto, através de suas memórias e estilo de vida ao herdeiro (filho).

O TIME DOS IRMÃOS: OS PRIMEIROS CONTATOS DO RUSSO COM O FUTEBOL

Sobre este contato inicial, Russo relata que veio de uma família muito grande, mais especificamente 14 irmãos, dentre os quais ele era o segundo mais velho. Como seu pai era músico, ficava longos períodos fora de casa, muitas vezes três ou quatro meses. Por este motivo, sua mãe enfrentou muitas dificuldades para criá-los, tanto financeiras quanto relacionadas ao processo educacional. Destarte, Russo narra que para “segurá-los” em casa ou o mais próximo possível dos cuidados da mãe, seu pai teve uma ideia:

Na época nossa de criança, nosso pai tinha muito medo de rio, de caça, essas coisas. Daí ele teve a ideia de fazer um campinho de futebol do lado da nossa casa. Aí que tudo começou. Junto com meu pai e alguns amigos em volta, nós fomos lá, limpamos o lote e fizemos o campinho de futebol.

²³ THOMPSON. *A voz do passado*.

²⁴ CANDAU. *Memória e identidade*.

A ideia dele foi boa porque aproximou os amigos todos. Foi ali que a gente se envolveu com o futebol e assim nós nos criamos naquele campinho (Russo, 2017).

Em seguida Russo relata que o campinho foi apenas o início da trajetória dele e dos irmãos no futebol, o passo seguinte foi a criação de um time dos irmãos, pois dos 14 irmãos, 12 jogavam futebol.

O mais velho já jogava no Operário, então ele tocava o nosso time de futebol de campo. Foi aí que começamos a descer no campo da princesa, ali que nós começamos a nos destacar no futebol. Lá era futebol de campo, jogávamos torneios. Então todo domingo nós estávamos no campo, os meus irmãos todos se destacaram no futebol, é claro fomos em dois que chegaram a ir para o profissional, mas os outros, mesmo assim. O pessoal adora todos nós, pela simplicidade, o pessoal ficava admirado de ver todos nós juntos, o time dos irmãos (falou com ênfase e sorrindo) (Russo, 2017).

O Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), que Russo se refere acima, é uma agremiação esportiva da cidade de Ponta Grossa, fundada dia 1 de maio de 1912. Trata-se de um dos clubes mais antigos do estado do Paraná em atividade. Única equipe profissional da cidade atualmente, que disputa a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol. Jogar no OFEC era bastante significativo, pois representava chegar ao profissional e ao topo da hierarquia no futebol local.

Como destaca Bourdieu,²⁵ o processo de construção do gosto por um bem cultural (como foi o caso do Russo com relação a prática futebolística) é permeado por grandes cargas de afetividade, ao passo que se torna impossível determinar a priori quem fez a escolha, se foi o agente ou a instituição, ou seja, se foi o jogador que escolheu o futebol ou se ele foi levado a escolhê-lo.

Ao longo da circulação de Russo pelos diversos espaços sociais em que o futebol é vivenciado na cidade de Ponta Grossa, como no campo da princesa, localizado na Vila Princesa, região de grande vulnerabilidade social, mas tradicional na realização de torneios de futebol e nos circuitos futebolísticos interbairros, práticas e disposições de agir específicas do campo futebolístico amador

²⁵ Ao dissertar sobre o processo de transformação através do qual um agente social torna-se um mineiro, um camponês, um padre, um músico, um professor, ou neste caso um “futebolista”, Bourdieu destaca que este tem seu início na infância, talvez antes do nascimento (através da herança cultural), perseguindo-se sem grandes crises e conflitos, não obstante, passando por todas as provas (angústias morais e físicas) que compõem as condições de desenvolvimento da *illusio*. BOURDIEU. *Meditações pascalianas*.

pontagrossense foram apreendidas e incorporadas de forma consciente e inconsciente. Manifestando-se cotidianamente sob a forma de esquemas de pensamento, percepção e avaliação ou julgamento. Em outras palavras, um *habitus*²⁶ foi incorporado.

Deste modo, durante a circulação de Russo por este campo específico, ele passou a interiorizar também as competências julgadas “necessárias” para agir nos diferentes momentos. Ao compreender o valor das competências futebolísticas para este espaço social, as práticas de Russo passaram a nortear-se por um senso de aplicação que justificasse os investimentos altos realizados no campo.

Como sua família era grande em número e ele, um dos irmãos mais velhos, trabalhar era uma necessidade e um dever, segundo Russo, portanto ele interrompeu os estudos, sem completar seu ensino fundamental. Assim, em oposição ao trabalho, a prática do futebol era o que lhe conferia prazer no seu dia a dia. Deste modo, após incorporar as práticas futebolísticas, as suas vivências cotidianas na infância e adolescência, Russo passou a realizar cada vez mais investimentos, principalmente de tempo e a rentabilizar os “lucros” de tais esforços.

Destarte, depois de uma vivência lúdica da prática futebolística, Russo passou a receber convites para compor as equipes infantis, juvenis e amadoras, até atingir o objetivo de representar uma equipe profissional. Porém, segundo ele:

[...] no profissional a gente teve uma sequência, mas não teve continuidade. Por contusão e porque na época também a gente não ganhava muito, ganhava muito pouco. Como éramos uma família grande, a ideia era ajudar meu pai e minha mãe, com o dinheiro que a gente ia ganhar. Mas não tinha como, a gente não ganhava salário. Aí tanto com o salário e com a contusão eu resolvi parar (Russo, 2017).

O interrompimento precoce da sua carreira como profissional é apresentada por Russo como uma decisão, uma escolha pessoal. Porém, entre o desejo de tornar-se um jogador de futebol profissional e o campo das probabilidades objetivas, existem as necessidades imediatas do cotidiano, as quais podem manter este projeto de futuro apenas como uma esperança.²⁷

²⁶ BOURDIEU. *Razões práticas*.

²⁷ BOURDIEU. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas sociais*.

Não obstante, para que os agentes não se desencantem do jogo e de seus troféus, se estruturam no campo diferentes níveis de disputa. De acordo com o ponto de referência, este pode ser a base ou o topo das posições sociais, ou seja, existe o melhor jogador do mundo, mas também podemos eleger o melhor jogador brasileiro ou do estado do Paraná, até mesmo o melhor pontagrossense. Esta lógica de leitura do espaço social mantém viva a esperança, o desejo de sonhar em ser jogador, mesmo que a probabilidade objetiva de tornar-se um profissional de nível internacional não jogue a favor do agente.

Isso nos ajuda a entender por que o encerramento da carreira profissional não significou o término de sua relação com o futebol, mas sim uma nova ressignificação do espaço destas práticas futebolísticas em suas ações cotidianas. Depois de iniciar sua trajetória no futebol de bricolagem, que se revela através das peladas, dos torneios, dentre outras designações, Russo conseguiu um espaço na matriz futebolística profissional ou de alto rendimento. No entanto, devido a alguns acontecimentos reencontra-se com a modalidade esportiva em uma nova dimensão, a do futebol comunitário, denominada também como futebol de várzea, de bairro ou amador.²⁸

A TRAJETÓRIA DE RUSSO NO CAMPO FUTEBOLÍSTICO AMADOR DE PONTA GROSSA

Um olhar forasteiro, superficialista ou de senso comum, que se proponha a observar o campo por uma lógica economicista,²⁹ corre o risco de inferir que esta transição do profissionalismo para o Campo Futebolístico Amador de Ponta Grossa, resultou em uma perda de *status* ou de poder simbólico deste agente. Entretanto, através da narrativa de Russo e dos acontecimentos subsequentes a esta transição percebeu-se que houve mais ganhos (simbólicos e materiais) do que perdas, segundo ele:

Depois tive mais oportunidades para voltar ao profissional, mas eu estava em um emprego bom, ganhava uma faixa de 5 salários, então eu não achei vantagem voltar para o profissional, o Operário queria que eu voltasse, o Pato Branco, teve uns 4 ou 5 times que queriam que eu voltasse, mas eu não quis voltar (Russo, 2017).

²⁸ DAMO. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro.

²⁹ BOURDIEU. *Razões práticas*.

Não é possível inferir se o retorno ao profissional era uma possibilidade objetiva ou se o argumento foi apresentado por Russo para justificar o quanto a permanência no amador foi fruto de uma escolha pessoal. Mencionar o convite dos clubes, significa deixar claro que a saída do profissional não ocorreu devido à falta de habilidade, assim Russo se via como um jogador de futebol que optou por não ser profissional. Entretanto, a grande questão não é buscar a veracidade da narrativa, mas sim entender a partir de seu ponto de vista como o futebol amador pode se tornar mais vantajoso que o profissional.

O bom emprego, descrito por Russo, que o levou a recusar o retorno ao futebol profissional, possuía também relação direta com a prática futebolística.

Todos os trabalhos nas empresas foi através do futebol, eu trabalhei em muitas empresas através do futebol, na época tinha os campeonatos fortes do Sesi, do Sesc, tinha a Taça Paraná, não, não era Taça Paraná, mas a gente tinha um interligado com o Sesi, que a gente tinha que jogar fora. O pessoal procurava muito o pessoal que se destacava no futebol e era aí que a gente entrava (Russo, 2017).

O ato de um jogador receber vantagens ou recompensa, como a oferta de um emprego, para jogar por um determinado clube, marcou um período conhecido como “profissionalismo marrom”.³⁰ Para entendê-lo, é preciso olhar para o início da prática do futebol no país. O esporte tem sua gênese ligada a elite, porém, popularizou-se rapidamente pelo Brasil através das equipes fabris.³¹

Deste modo, aquilo que era visto como uma prática de lazer dos trabalhadores passa a ganhar conotações mais sérias, ligas e competições são formadas, e vencê-las tornava-se cada vez mais importante. Porém, com o objetivo de preservar os valores do amadorismo defendido pela elite, havia a proibição da contratação de jogadores. A estratégia adotada por muitas empresas foi a contratação destes jogadores como funcionário, porém não eram tratados como trabalhadores comuns.³²

³⁰ LIMA. Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930.

³¹ CORREIA. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande/RS (1900- 916)*.

³² CORREIA. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo*.

Embora este período de profissionalização seja datado das décadas de 1920-1930,³³ a prática de pagamentos velados segue presente até os dias atuais em outras configurações futebolísticas onde a remuneração financeira ainda não é permitida ou aceitável culturalmente. Como Myskiw e Stigger³⁴ perceberam em sua pesquisa sobre a liga amadora de futebol em Porto Alegre (RS), onde havia uma divisão entre aqueles que acreditavam que a referência do amadorismo era o modelo profissional e aqueles que defendiam a ideia de um futebol praticado pela ótica do amor e desinteresse econômico.

No campo futebolístico amador de Ponta Grossa o conflito também existia. O ato de o jogador Russo conseguir bons empregos ou vantagens, como folgas e dispensas para treinos, além de bônus pelas atuações em campo, poderiam colocá-lo no centro deste debate. No entanto, além do ganho financeiro, decorrente dos empregos que conseguiu devido a suas competências e habilidades futebolísticas, houve também um ganho de *status* dentro deste espaço social. Fato evidenciado por Russo através de suas memórias, ao lembrar que sempre foi uma pessoa querida pelos jogadores, dirigentes e torcedores do campo. Para legitimar seu argumento, Russo narra na entrevista sua fase de transição do futebol profissional para o amador.

Como eu tinha parado com o profissional, eu não podia jogar o amador, então eu fiquei um tempo aí sem poder jogar porque eu não tinha feito a reversão do profissional para o amador. Então eu fiquei batendo bola por aí, jogando o varzeano, essas coisas que não eram interligadas com a liga. Neste período eu fui campeão pelo Blue Star, este era um campeonato da cidade, não da liga (Liga de Futebol de Ponta Grossa), era Cidade de Ponta Grossa antigamente o nome do campeonato. Ai quando eu estava com uns 30 anos o Clube Associativo³⁵ veio atrás de mim e eu fui jogar com o Clube Associativo, mas eu não tinha feito a reversão, só que quem era o presidente do Clube Associativo, era o presidente da liga, então ele falou

³³ LIMA. Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930.

³⁴ MYSKIW; STIGGER. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre.

³⁵ O Associativo Futebol Clube, foi criado em 1938, por diferentes agentes que compartilhavam o gosto pela prática futebolística. O clube Associativo tornou-se um dos mais tradicionais da cidade no contexto do futebol, sendo o maior campeão municipal com 26 títulos amadores, seguido pelo OFEC, com 18 títulos, porém que teve seu último título em 1955, pois não disputa mais a competição amadora. De acordo com Freitas Jr., os clubes sociais emergiram e tornaram-se símbolos aglutinadores pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Através da prática do futebol, os jogadores e familiares envolviam-se emocionalmente. DO RICO AO POBRE. Por dentro da história: Relembre todos os campeões da Liga de Ponta Grossa. FREITAS JR, Miguel Archanjo de. Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná

para mim: – Não tem problema, deixa comigo que eu resolvo (disse Russo tentando imitar o modo de falar do agente citado, seguido por um breve riso). Ai tudo bem, eu fui, eles tinham perdido o primeiro turno, eu joguei o segundo turno e nós fomos campeões invictos. Decidimos (a final do campeonato amador) justamente com o Mirante, ganhamos as duas partidas, tanto lá no Mirante quanto lá no Clube Associativo, então nós fomos campeões. E quem sabia disso aí (referindo-se a não reversão) era o presidente do Mirante, o Tiquinho, ele sabia da minha situação, mas ele falou assim: – Eu perdi no campo, não vou levar para outro lado porque eu perdi no campo e o Russo é muito meu amigo (Russo, 2017).

Na sequência Russo terminou a frase dizendo “é aí que você vê a situação”, referindo-se aos laços de amizade estabelecidos por ele com os demais agentes do campo, pois mesmo em situação irregular, não houve pedido de recurso por parte da equipe derrotada, por se tratar do Russo. Pode-se inferir que para além desta relação de amizade, Russo possuía um determinado volume de poder simbólico, capaz de fazer com que o técnico do Mirante E. C., optasse por preservar o laço existente entre ambos. Despertado, talvez, pelo interesse em levá-lo para compor a sua equipe, ação efetivada anos depois.

O poder simbólico possui uma dimensão abstrata, que o torna invisível dentro das trocas simbólicas, porém legítimo e reconhecido por todos os agentes da estrutura. Até mesmo quando exercitado de forma latente através de armas ou do dinheiro, há sempre uma dimensão simbólica.³⁶ No entanto, sua força evidencia-se nas relações em que o conflito não emerge, como observado no relato de Russo.

Como o Associativo F. C. venceu a competição amadora daquele ano, ele conquistou o direito de representar a cidade de Ponta Grossa na Taça Paraná, porém desta vez Russo não pôde jogar a competição devido a não reversão do profissional para o amador, ação que expõe claramente que o poder simbólico deste agente estava restrito a este campo específico.

A Taça Paraná, organizada pela Federação Paranaense de Futebol, conta com a participação das equipes campeãs das ligas amadoras registradas na federação de diversas cidades do Paraná. É a competição que atribui o título de melhor equipe amadora do estado, a competição ocorre desde o ano de 1964 com este nome. Em 2019, último ano em que a disputa ocorreu, devido a Covid-19, foi

³⁶ BOURDIEU. *Meditações pascalianas*.

realizada a 56^a Taça Paraná, portanto, em todos os anos desde sua criação, a competição ocorreu no estado.

A impossibilidade de jogar a Taça Paraná marcou também a saída de Russo da equipe do Associativo F. C., deste modo ele narra que foi disputar o Campeonato Amador Máster (para jogadores acima de 30 anos) pela equipe Associativa B. Quando novamente entra em contato com a equipe do Mirante E. C. Assim:

Nessa transição eu acabei indo para o Mirante, porque vinham muitos times de fora, tipo Coritiba, vinha time de São Paulo, um monte de time de veterano que o pessoal jogava, quando parava com o profissional. Foi aí que deu um casamento legal com o Mirante E. C, o pessoal era legal. Uma história bonita que eu consegui, pelo futebol que a gente jogava, foi levar o time do Mirante ao título amador. Foi quando eu recebi o convite para jogar o futebol amador (categoria principal), eu já estava com 35 anos e não estava querendo mais, mas eles pediram para mim, porque eu era o cara que unia o pessoal sabe? Então eles pediram, você tem que voltar porque você é o que organiza. Resolvendo, voltei e o que aconteceu? Nós fomos campeões invictos, invictos (disse com orgulho, expressa pelos olhos lacrimejantes) (Russo, 2017).

Russo faz questão de lembrar com saudosismo o clima construído por eles ao longo das partidas do amador no estádio do Mirante E. C.

Na época era o Ricardo o presidente do Mirante E. C, então ele conseguia fazer as festas, vinha muita família, toda vida era cheio o Mirante E. C. Tinha bastante gente, quando veio o Coritiba de lá, os caras venderam ingresso sabe, casa cheia, casa cheia, era muito bonito de ver. Toda vida teve família, foi o que abraçou tudo. No próprio campeonato, era direto, festa, churrasco, o pessoal trazia família, então foi isso tudo que se resolve em um título. Não é só ser campeão, se resolve em um todo, esse todo é o que dá gosto quando você ergue o troféu (Russo, 2017).

Outro momento significativo de sua trajetória no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, que produziu inúmeras memórias de momentos felizes foi segundo Russo as excursões do Mirante E. C para jogar em outras cidades. Pois através dessas viagens era possível jogar novamente em lugares onde já havia jogado e rever antigos amigos, oportunidades que o faziam acreditar que sua vida foi bem vivida (Russo, 2018).



Fotografia 2 - Ingresso de um dos jogos promovidos pelo Mirante Esporte Clube, disputado contra a equipe de aspirantes do Coritiba F. C. Fonte: Acervo pessoal de Russo (editada pelos autores para anonimizar o clube).

Em uma das conversas com Russo, durante um dos jogos do Clube, que após o início de uma chuva obrigou-nos a esconder-se embaixo de um pinheiro que fica na beira do alambrado, ele fez questão de narrar umas destas memórias, a qual foi retomada por ele também na entrevista, evidenciando a importância do ocorrido.

“Cara! Esta chuvinha assim durante o jogo só me lembra coisa divertida. Teve uma vez que marcamos um jogo, com um time lá de Candido de Abreu. Nos reunimos cedo aqui no Mirante, para ir todo mundo junto, conseguimos um ônibus para levar o pessoal, pense na alegria da rapaziada. Saímos da cidade e fomos, quando a gente estava chegando perto da cidade começou a chover, mas uma chuva, uma chuva que dava pra ver ela alagando a estrada. Foi-se embora, quando o motorista entrou na cidade a chuva foi diminuindo, mas o campo era mais para o interior, tinha que ir por uma estrada de terra daí. A hora que o motorista entrou na rua já deu umas patinadas, o pessoal já soltou uns gritos [...] Mas não deu outra, quando ele foi passar por um banhado feio já ficou por ali mesmo, e nada do ônibus ir, não tinha ninguém por perto, celular a gente nem tinha na época, era coisa de rico, nem sei se rico tinha. Daí desceu tudo mundo pra empurrar o ônibus, eu fui com mais três em uma das rodas do ônibus, e outros foram do outro lado. No que o motorista acelerou o ônibus, ele patinou e jogou barro em todo mundo, mas barro mesmo, de deixar todo mundo coberto de terra [...] Resultado, tivemos que esperar passar um trator pra desatolar o ônibus, o jogo que era pra começar as duas, começou seis e pouco da tarde e nem luz tinha no campo, jogamos no escuro. Mas depois fizemos um churrascão lá, todo mundo comeu, bebeu e se divertiu, porque o futebol é isso” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/07/2015).

Deste modo, mesmo não encontrando-se mais em atividades no campeonato de futebol amador de Ponta Grossa, após passar a maior parte de sua vida dentro de

campo, Russo alega não saber mais ficar em casa nos dias em que tradicionalmente se realizam as partidas do campeonato amador pontagrossense, “sábado e domingo eu preciso ir lá primeiro, para depois voltar para casa e pensar em um almoço ou alguma coisa, mas lá é uma coisa quase que sagrada, não tem como, a gente se une e se diverte, brinca e dá risada, encontra os amigos” (Russo, 2018).

A TRANSMISSÃO DO GOSTO PELO FUTEBOL AO HERDEIRO

Ao observar a trajetória de Russo, percebe-se que suas ações ou estratégias atribuíam ao futebol um espaço de destaque e relevância nas suas tomadas de posição. Elementos estes que nos permitem inferir que a prática futebolística foi significativa para a construção de seu *habitus*. Tal processo é percebido também por Russo, embora não possua o domínio desta teoria social, ele relata que:

Com o futebol dá para aprender tudo, tudo você aprende, eu aprendi muita coisa. Por exemplo, a educação dos meus filhos, o que meu pai fez para nós lá, mostrando um caminho, porque ele fez um campo e mostrou um caminho. Nós nos criamos ali, somos trabalhadores, honestos, cada um tem sua família, tudo através daquilo que ele mostrou. O que eu fiz pelo Leandro, foi mostrar o mesmo caminho. Tanto para mim, quanto para minha família o futebol foi tudo, os trabalhos, tudo, meus serviços, eu tenho uma empresa hoje aqui e o futebol me ajudou a isso, foi tudo através do futebol. O nome “Russo” ficou, então até o nome da empresa é Russo Móveis, por causa do futebol. A minha vida envolveu tudo no futebol (Russo, 2017).

Em virtude da dimensão simbólica adquirida pelo futebol em sua vida, considerada frutífera ou positiva, Russo buscou ensinar a seu filho Leandro desde muito cedo, o gosto por essa prática. Uma vez que esta seria “a ordem das coisas”.³⁷

Desde criança, desde criancinha a gente é companheiro, foi no tempo do veterano do Mirante E. C né. Ele já me acompanhava, em todos os jogos, todos os sábados ele estava comigo dentro de campo, ele se criou no campo, com uns dois anos ele já me acompanhava. Ai depois nós nos envolvemos com a associação, eu que lidava com eles aqui. Ai a coisa começou a fluir para eles. Mas essa foi uma outra história, a história deles. Nós tivemos uma passagem de oito anos aqui na associação, então eles tinham o futebol no ginásio, no suíço, os campeonatos, eu levava eles para tudo quanto é campo. Teve a história deles, foi bonita a participação. Até

³⁷ BOURDIEU. A ordem das coisas.

chegar no amador, a trajetória deles foi tudo junto comigo. Nós nunca se larguemos. Até hoje nós somos unidos (Russo, 2017).

A utilização do plural possui um sentido neste contexto, pois além de transmitir o gosto por esta prática a seu filho, ele também acompanhava os amigos de Leandro, que compunham as mesmas equipes que seu filho. Neste cenário, Russo não só ensinava os valores que aprendeu ao longo de sua trajetória neste campo, como socializava seu filho, mas também seus amigos, para ocupar uma posição dentro do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, apresentando-o como o herdeiro de seu posto.³⁸



Fotografia 3 - O registro foi realizado após a disputa de uma das partidas do Campeonato Amador de Futebol de Ponta Grossa, na ocasião Russo acompanhou do alambrado a atuação de seu filho. Fonte: Os autores.

A este respeito, Freitas Junior, Oliveira e Linhares³⁹ observaram que no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a herança cultural futebolística evidenciava-se como um elemento relevante nas relações sociais em alguns clubes – caso do Mirante E. C. – pois, para ingressar em uma equipe, mesmo que fosse somente para jogar as peladas e participar de alguns jogos-treino, sem a certeza de

³⁸ BOURDIEU. *O poder simbólico*.

³⁹ FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA; LINHARES. *Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa/Paraná (2013-2017)*.

que comporia o time que disputaria o amador, o jogador necessitava de um convite. Porém, no caso dos filhos, sobrinhos, afilhados ou netos de jogadores, este contato ocorria desde a infância dos meninos, tornando-se “natural” sua entrada na equipe quando chegassem à juventude.

Pode-se interpretar que a transição desta herança cultural futebolística segue, salvo particularidades, a mesma lógica desvelada por Bourdieu,⁴⁰ na relação entre capital cultural herdado e capital escolar. Pois o que ocorria nas escolas francesas era uma conversão desigual do capital cultural herdado em capital escolar, devido às diferentes origens sociais dos alunos. No caso do amador, a distinção não estava na origem social, mas nas possibilidades de acesso a estes clubes amadores, uma vez que os herdeiros deste campo (filhos ou parentes de ex-jogadores e dirigentes), já iniciavam as disputas por posições e *status*, convertendo desproporcionalmente este capital futebolístico herdado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação do *habitus* de um agente social é fruto de um longo processo de socialização, permeado por tomadas de posição estratégicas, conscientes ou inconscientes, mas sobretudo, carregadas de afetividade. Esta “visão de mundo” e ao mesmo tempo, forma de agir sobre ele, ocorre em um espaço social, caracterizado pela disputa de troféus materiais e simbólicos. Assim, a circulação de um agente pelo campo é permeada por estratégias de manutenção ou subversão a ordem dominante, a opção pela primeira ou segunda está relacionada ao senso de aplicação prática destes investimentos ou o poder advindo daquele posto.

Durante sua trajetória social, Russo vivenciou a prática do futebol em diferentes interfases, desde o futebol enquanto um jogo lúdico ao alto rendimento do profissionalismo. Entretanto, foi no campo futebolístico amador de Ponta Grossa que ele acumulou o capital futebolístico necessário para ocupar uma posição de destaque.

O capital futebolístico acumulado ao longo de sua trajetória no campo foi convertido em outros capitais fora deste espaço social. O emprego que permitiu-lhe

⁴⁰ BOURDIEU. *O poder simbólico*, p. 78.

ajudar a família e criar seus filhos, decorreu das suas vivências com o futebol. Uma vez que o objetivo de sua contratação não era sua competência na função que exerceria, mas sim suas habilidades com o esporte, que fortaleceria o elenco que disputava competições de futebol entre empresas. Em outros empregos isso também se repetiu. A empresa criada por ele, que leva como nome o seu apelido, surgiu através da prestação de serviços de marcenaria para jogadores e ex-jogadores que o conheciam dos campos de futebol amador ou indicações feitas por eles.

O reconhecimento de Russo neste espaço social foi fundamentalmente simbólico, mas por vezes objetivado através de homenagens, como a que abriu esta pesquisa, denominada honra ao mérito futebolista amador. A qual, devido a singularidade, legitima-o como uma figura nuclear para a compreensão da influência das práticas futebolísticas na construção do *habitus* dos futebolistas pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta grossa.

A analogia do futebol amador ao casamento ou a religião, devido ao comprometimento e aos sentimentos afetivos com o esporte, revelam que sua relação com o futebol transcende os ganhos econômicos, fazendo parte de suas disposições de pensar e agir, ou seja, de seu *habitus*. Ao olhar para a vida de Russo, podemos verificar não só a dimensão simbólica do futebol em sua trajetória social, mas na capacidade que este fenômeno tem de se resignificar, atribuindo sentidos e significados diferentes de acordo com o contexto e momento da vida de seus praticantes. Esta pluralidade ou maleabilidade pode justificar a relevância social do futebol para os brasileiros.

Como destacava Russo, em uma de suas inúmeras metáforas, o dia começava depois dos jogos do campeonato amador de futebol. Sem o jogo de futebol, o jogo social também se esvaziava de sentido. Esta leitura do futebol como um poder (capital futebolístico), mas ao mesmo tempo uma necessidade vital, evidencia a existência de um *habitus* futebolístico amador. Jogar futebol, tanto para Russo, quanto para outros futebolistas que possuem suas trajetórias ligadas ao esporte, significa enfrentar todos os dilemas, barreiras e dificuldades que o mundo social apresenta.

Estas lutas, poderiam e são travadas em outros espaços sociais, porém a dimensão simbólica do jogo de futebol, o esforço, o sacrifício, o comprometimento e o respeito a trajetória dos antecessores, são considerados “valores”, além do

sentimento de igualdade na disputa, que tornam o futebol amador um espaço singular de refúgio, de identificação com pessoas que enfrentam os mesmos desafios e de luta, para que suas visões de mundo sejam reconhecidas como legítimas. Trata-se de um espaço social permeado por conflitos, uma vez que, após o término do jogo (com a bola ou o social) haverá sempre um vencedor momentâneo, pois como destaca DaMatta, o jogo sempre continua.

* * *

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quem dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BOURDIEU, P. A ordem das coisas. In: _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 81-101.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas sociais. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2008.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, E. A. **“Nem tudo que reluz é ouro”**: histórias de jogadores de futebol. Tese (Doutorado em Educação Física). UFPR, Curitiba, 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio-X do mercado 2019**: números gerais de registro. Rio de Janeiro: CBF, 2022.

CORREIA, J. M. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo**: um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande/RS (1900-1916). Dissertação (Mestrado em Educação Física). UFPel, Pelotas, 2014.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social). UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Porto Alegre: **Movimento**, v. 9, n. 2, p. 129-56, 2003.

DAOLIO, J. **Cultura**: educação física e futebol. Campinas: Editora da Unicamp, Campinas, 2006.

DO RICO AO POBRE. **Por dentro da história**: Relembre todos os campeões da Liga de Ponta Grossa. Ponta Grossa: DRAP, 2020.

FREITAS JR, M. A. **Operário Ferroviário Esporte Clube**: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). UEPG, Ponta Grossa, 2000.

FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E.; LINHARES, W. L. Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa/Paraná (2013-2017). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 302-20, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Práticas de esporte e atividade física**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LIMA, F. G. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. Dissertação (Mestrado). Educação Física, UFPel, Pelotas, 2014.

MYSKIW, M; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-69, 2014.

OLIVEIRA, E. **Redescobrimo o sentido do jogo**: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná (2013-2017). 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). UEPG, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, E; FREITAS JUNIOR, M. A. **Redescobrimo o sentido do jogo**: uma etnografia da cultura futebolística no mirante esporte clube. Brasília: Trampolim, 2020.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

* * *

Recebido em: 16 de novembro de 2021.

Aprovado em: 07 de outubro de 2022.